



1969
Fevereiro
 ANO XI
 N.º 52

Prop. do CENTRO DE ACTIVIDADES
 CIRCUM-ESCOLARES DO L. N. H.



ARAUTO

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta • Editor: DR. TOMAZ DA ROSA • Comp. e Imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Pedactores

Jorge Angelo, J. Diogo, J. Freitas, Costa Rita e H. Freitas

Prof. - Orientador
 JORGE VIEIRA

Administrador

Diogo Fraga da Silva



Dr. Marcelo Caetano

«...Pensei na Juventude a quem as gerações mais velhas têm de ajudar a preparar-se para vencer as árduas dificuldades dum futuro cheio de interrogações...»

O eterno problema

Com o começo de um Ano Escolar, gera-se novamente a luta por um *lugar ao sol*, que todos antevêm.

Mas aquela terá de ser renhida.

É escusado dizer a estudantes, que a sua vida se resume a estudar, pois eles são o Futuro: médicos, magistrados, professores, etc, segundo as capacidades e aptidões de cada um e até muitas vezes, infelizmente, dos recursos financeiros, que podemos dispor. Mas de qualquer modo, temos de nos convencer de que o ensino é para nós. Todos os nossos anseios, vislum-

bram o Amanhã, que se fundamentará na posição social, que consigamos conquistar, mercê da nossa formação moral e intelectual.

Com o desabrochar de novas esperanças todo o jovem estudante, estamos convictos disso, tem no início do ano escolar, o firme propósito de vencer.

Acontece, por vezes, que com o decorrer do tempo, nos deixamos enfraquecer, não tendo coragem suficiente, para nos opormos às dificuldades que nos surgem.

(Conclui na 2.ª página)

Genealogia e Evolução do Romance

O romance tal qual nós o conhecemos hoje tem um antepassado muito longínquo no tempo e no conteúdo — a EPOPEIA. Quiçá entre eles o único elo verdadeiramente positivo se reduz ao facto de ambos serem uma narrativa.

Para além do rumo que a descrição tinha de tomar em virtude da intervenção do «RAPSODO» que é um factor extra-literário, este género de narrativa era feita em verso numa linguagem sobremaneira eloquente e contava episódios e façanhas de deuses e de heróis, portanto dum mundo que os «ouvintes» conheciam mas não do mundo em que eles viviam, portanto do seu mundo.

O romance da actualidade, adoptando a última fórmula que é a mais razoável e a única que conduz ao verdadeiro romance, revela lentamente num tom característico, o que vai no íntimo do autor e a partir daí as personagens, as situações e os sentimentos vegetam e debatem-se num plano humano construído à escala do nosso mundo.

De entre as epopeias, aquelas que fugindo à orientação temática ordinária desceram a um plano mais humano e podem com mais propriedade ser consideradas verdadeiras precursoras do romance há a assinalar: «Etiopia» de Heliodoro e «Dafnis e Cloe» de Longus, que

(Conclui na 3.ª página)

Crónica de Saudade

Esta é aquela crónica que ninguém deseja ler. Crónica de saudade, mas crónica duma realidade chocante.

Arrancados violentamente ao nosso convívio, ceifados na verdura duma juventude palpitante, faleceram os colegas, **Maria da Conceição Catarino e Manuel Garcia de Faria.**

«Arauto» sentiu a hora, que «Arauto» é da juventude. No bom e no mau. Que nós somos jovens, como eles o eram.

À última morada seguimos os préstitos. Dor, muita dor.

Nunca, em qualquer hora, o Liceu se poderá dessociar dos filhos que educa, que instrui. Com eles terá de viver a vida: a boa e a má.

(Conclusão da 1ª página)

tratam embora toscamente e com relativa falta de propriedade o tema amoroso, que nos nossos dias domina incontestavelmente a literatura.

Após esta primeira metamorfose da epopeia que a aproxima mais do romance da nossa época, nenhum impulso notório se registou até ao aparecimento do chamado «romance de cavalaria» na idade média, que salvo, a existência do «herói», figura nuclear à volta da qual toda a história gira e que de maneira alguma nos aparece como «homem particular», muitas afinidades apresenta com o romance actual, sem todavia possuir individualidade e as características das obras do italiano Boccaccio, que surgem no século XIV para marcarmos o início da longa fase de transição da epopeia ao romance moderno, que se estende até ao século XVII.

Deste período, muito há a dizer, mas nós limitar-nos-emos a uma enumeração cronológica nos principais marcos. Com Boccaccio inicia-se a introdução da prosa na epopeia, que no século seguinte é continuada na Inglaterra com a publicação de «A morte do rei Artur» e na França com «La Châtelot».

No século XVI o espírito «épico» é como que revitalizado com o aparecimento de algumas obras, que por vezes se apresentam irónicas e satíricas, paralelamente à influência «bucólica», que Bernardim Ribeiro, Jorge de Montemor e outros patenteiam nas suas obras.

No século XVII a estrutura do romance começou a tomar força através destas duas obras: «A Princesa de Clèves» e «D. Quixote de la Mancha» de Cervantes que é o primeiro «romance de figura» no panorama romanescos universal.

Em Inglaterra no século XVIII, graças ao gigantesco passo do espanhol Cervantes nasce o romance pró-

priamente dito com as obras de Daniel Defoe e o «romance sentimental» de Sterne e outros escritores.

No século seguinte surgem os grandes escritores universais: Balzac, Zola, Tolstói, Dostoiévski, Dickens, Eça de Queirós... e graças a eles o romance evolui extraordinariamente adquirindo um carácter próprio e definindo-se. É ainda no século XIX que o «realismo» toma força visto que contrariamente ao que se possa pensar, remonta à antiguidade e aparece-nos com toda a sua objectividade, o seu gosto pelo concreto, pelo actual, pelo científico e com Balzac pelos costumes, pela sociedade, pela arte. Zola dá ao realismo uma nova feição; amplia-o, leva ao extremo a sua temática e a sua forma imprimindo-lhe rigor e objectividade — cria o «naturalismo» ou como ele lhe chamou o romance experimental.

Após a primeira guerra mundial opera-se no romance uma grande transformação, devido certamente à agitação que este conflito determinou nos processos sociais, históricos, do pensamento e da filosofia e à divulgação da psicologia do inconsciente, do médico austriaco Sigmundo Freud.

A história e a intriga perdem o valor que até então tinham, o novo romance procura revelar a totalidade da vida humana através duma técnica nova em que as ideias se multiplicam e contrariam. Marcel Proust, James Joyce e Franz Kafka são apontados como responsáveis por esta transformação.

Neste período e até à segunda grande guerra houve todavia escritores que se conservaram fiéis ao romance tradicional como, Martin du Gard, John dos Passos e Thomas Mann, que apenas procuram dar ao romance uma actualização periférica sem todavia alterar as suas estruturas.

Entretanto surge uma no-

Todo o emigrante é optimista, geralmente lança-se para a emigração sem pensar, como um autómato.

Quando parte leva nos lábios um sorriso de felicidade, e traça ideologicamente o mais belo futuro.

Nessa terra estrangeira organizará, uma vida cor-de-rosa, uma vida que só os poetas saberão exprimir.

Trabalhará com tenacidade e enriquecerá depressa, pois nesse país privilegiado todos, até os mancos arranjam fortuna.

—Então eu que sou forte, conseguirei uma situação invejável, e depois de enriquecer montarei por exemplo, uma firma de conservas, e viverei aí, os dias mais risonhos da minha vida.

Entretanto ele partiu, ainda sonhando e sonhou até chegar às fronteiras da América.

A terra para ele tão bem idealizada, foi contraproducente a tudo.

Na forma de realismo que se queda sobre os pobres, os necessitados e os humildes dos quais nos dão o testemunho num estilo nu, simples, claro e directo como uma reportagem jornalística.

Na França por volta de 1935 no momento em que a Europa caminha a passos largos para a segunda grande guerra, surgem as obras de Sartre, Malraux e Camus que representam um novo tipo de ronco diferente, terrível, excitante, dominando sentimentos trágicos da vida inspirado nas filosofias existencialistas.

Após a guerra o romance servido por escritores de bastante mérito sob uma nova forma, o chamado «novo romance» que se apoia no romance experimental de 1920 tomando todavia uma posição mais extremista; confere igualmente grande importância ao inconsciente elimina a história e intriga duma maneira radical e coloca na sombra a personagem.

Empregou-se numa fábrica e aí foi tão infeliz. O seu amor-próprio teve de se sacrificar perante a altivez e a indiferença do novo meio. Se ele possuísse o capital suficiente, voltaria à Terra Natal. Infelizmente não o tinha, e teve de contactar 5 anos com gente arrogante, que olha o emigrante como um criado, e julga este subordinado à sua vontade.

Sofreu. Recordava ainda o olhar glacial com que o olhavam.

Os dias decorreram com lentidão, mas finalmente chegou o dia do regresso.

Partiu em companhia de outros portugueses que também lá estavam.

Na viagem longa para ele, meditando à janela do avião, observava o Sol e perguntava aos raios dourados se a sua Terra teria ainda aquele toldo amável de árvores onde se gozava a paz, que durante 5 anos lhe faltara.

Quando chegou sentiu a renovação caprichosa de velhas sensações pitorescas; é isto que se sente quando regressamos, dum ambiente de cenários diversos.

Na sua terra, sentia-se feliz, os seus camaradas voltaram ao estrangeiro, mas ele ficou, ficou porque não estava disposto a aceitar aquela altivez e aquela indiferença.

Junto da sua família é completamente feliz.

A felicidade encontra-se muitas vezes à nossa beira, na nossa Terra, sem decepções, sem aceitação humilhantes.

3º Ano B

n.º 6 Albina Martins

Jorge Angelo, Diogo Fraga, José F. Diogo, Herminio Freitas, José de Freitas, Costa Rita, elaboraram este número do jornal «Arauto»

a Educação da Criança

Em todos os tempos, uma das preocupações, refira-se — é a educação das gerações, tarefa extremamente importante por significar uma linha de continuidade de sabores sociais e assegurar no mundo a sua realização.

E se, desde sempre, essa missão foi delicada, os problemas da nossa época fizeram recair sobre ela uma atenção especial. Ao mesmo tempo que progride em todos os aspectos, a sociedade passa a exigir da criança uma cada vez mais rápida identificação com esse progresso, a fim de conseguir o ritmo de conhecimento indispensável à sua integração no mundo que a espera — e que fará da criança a homem preparado para desempenhar o seu papel em determinado sector.

Dai, a extraordinária importância que se dá hoje ao professor, ao pedagogo, pois é da sua sabedoria, do seu tacto, da sua visão e da sua compreensão das coisas que nascerá uma maior ou menor facilidade de adaptação da criança às soluções da época, toda ela insuflada de duas formas de necessidade que se completam: a especialização e a complexidade. E tudo sob o signo do dinamismo.

O mundo que espera amanhã a criança de hoje não é um mundo simples e calmo. É um mundo absorvente e em transformação constante. E é sobre os ombros daqueles que têm por missão — árdua, acentue-se — modelar o barro da juventude que recai uma responsabilidade enorme.

Todas as possibilidades que lhes dêem são poucas para que possam cumprir dignamente o seu programa de «constructores de homens do futuro».

N. P.

Por acaso sabiam...

(Conclui na 4.ª página)
— Foi a Cleópatra Sr. doutor.

...que os físicos só agora descobriram uma nova e revolucionária lei da corrente alterna? É verdade, e enuncia-se assim:

— Ora acende, ora apaga.

...que foi um punhado de nobres ingleses de larga visão economista que intensificou a indústria do algodão «plantando» numerosos carneiros?

Diálogo entre Finalistas

FORTE — Eh pál! Hoje estudei um verbo grego com mais de duzentos casos, e são todos p'ra saber!

CALMO — Duzentos casos! Tu estás doido, ou quê?

FORTE — Duzentos é modo de falar. Mas uns cem, tem de certeza absoluta.

CALMO — Mesmo assim é muita coisa, não é?

FORTE — Tu não acreditas mas a sério tem mais de cinquenta!

Perguntamos: — E vós, leitor, quantos tempos palpitaís?

O Eterno Problema

(Conclusão da 1.ª página)

É necessário o pensamento positivo: eu sou capaz de passar o Ano.

Eu sou Alguém, que há-de lutar, mais, ou menos, conforme os talentos que Deus me deu. O que interessa afinal é que cada um de nós, os faça render o máximo.

Como a força da vontade, é capaz de transportar montanhas!

Se disto estivermos convictos, nós somos invencíveis. O nosso estudo visará não só a simples passagem do Ano, mas a vida futura.

Para que tudo decorra o melhor possível, atrevemo-nos a expôr a nossa ideia, modesta na verdade, mas talvez proveitosa e isenta de algo oculto, no capítulo respeitante a relações entre professores e alunos.

É tendência normal do

As três pancadinhas de Molière

Personagens — Um rapaz que estuda, um estudante e um carregado de livros.

A cena desenrola-se nos bancos cheios de pó da urbana da malta, num dia de chuva, pertencente aos da primeira metade do mês de Novembro do ano da fome que já passou.

Acto primeiro

Rapaz que estuda — Eh pá? E com respeito a professor de Filosofia? Sózinho nunca mais consigo saber que nada sei!

Estudante — Homessa!!! P'ra que é agora estragar estes feriadinhas com esse ser ou não ser?

O carregado de livros (bocejando, levantara-se às 8,10...) Tá tudo prum preço que ninguém lhe chega...

Segundo e último acto (trágico)

E nesta lenga-lenga, pela estra plana tuca-tuca, esqueceram-se de tocar a campainha e lá foram parar à Shell desembolsando cada um mais de metade dum escudo e apanhando uma rica molha!

Corre o pano (encharcado)

São assim os Estudantes...

O Ataque dos Capachos

(Conclusão da 1.ª página)

ram fanar a massa para a compra dos respectivos canudos de fazer lume.

Então os peles vermelhos dirigem-se ao banco e apressadamente limpam o cofre, tendo entretanto por música de fundo, o rom-rom dos empregados que dormiam profundamente, enquanto os movimentos peristálticos da digestão iam consumindo os bifes de burro que o «butcher» teimava serem vitela. À saída do Banco, uma mosca é assassinada pelo pé do Índio Pés-Melados pois também ela dormia indiferente a tudo o que se passava.

E sem mais acidente desapareceram da cidade deixando atrás de si uma população com graves problemas económicos. Decorrido uma hora, o caixa acordou sobressaltado com o ruído de um avião supersónico que se dirigia algures para «White Castle».

Foi nessa altura que se deu o alarme. Toda a população acorda.

Então, sem hesitações, com a determinação dos grandes momentos dirigem-se ao escritório do Xerife que nesse momento assinava uma nova ordem de serviço que proibia o uso de fogo em geito de actor profissional.

Ouvidas as lamentações dos pacíficos e humildes cidadãos de Camas City, o Xerife respondeu:

— Acalmem-se. Não podemos linchar ninguém. Ouçam a voz da razão. O dinheiro estava no cofre. O dinheiro já não está no cofre. Logo alguém o desviou.

Não percam o próximo número do «Arauto» pois ele trazer-vos-á a conclusão desta história extraída da antologia «As melhores histórias do Far-West» da autoria de Tesissimo da Costa.

ENTREVISTA da 4.^a Página

O leitor faça o favor de se admirar. Não precisa abrir a boca senão... isso mesmo, acertou. Admire-se então, vá, agora:

Encontram-se a rodar um filme de longa metragem na Horta a célebre atriz Or Land Evily e o não menos afamado actor-cantor Joselo Frey.

Depois disto, os nossos leitores, não precisam ir todos pedir autógrafos, entendido?

Após uma noticia destas «O Arauto» procurou indagar algo sobre este acontecimento sensacional. E lá fomos até o «set».

Primeiro interrogámos o produtor sobre o nome do filme ao que ele nos respondeu:

— Ainda não está assente. Tanto pode ser «O amor leva as flores até às lages» ou «O cantor e a professora». Talvez nos decidamos pelo último.

Agradecemos e em seguida dirigimo-nos ao realizador pedindo-lhe que expusesse em poucas palavras o enredo do filme. Oíçamo-lo:

— O filme conta a história dum jovem redactor de um jornal famoso que por uma série de coincidências se vê atirado para o mundo da canção. Existe uma jovem professora que logo se enamora da sua voz ao ouvi-lo cantar na rádio. E quando vê a sua actuação na TV não descansa até encontrá-lo pessoalmente. Depois...

Nós sorrimos e o realizador dando por encerrada

a sua declaração retirou-se. Também abordamos um «camera-man». Ele falou-nos:

— É um filme colossal. É a primeira vez, que produzimos um filme colorido com guache em vez de lápis de côr.

Estava concluída a nossa reportagem. Fomos beber um bagaço duplo (dos de 2\$00).

RAPAZ OLHA P'RA TRÁS

...e vê como essa garota te olha.
Enche-te de coragem e... faz qualquer coisa! Esta página confia em ti e cá te espera?

ORA INFORMEM-NOS...

Qual foi o finalista que cantarolava:

Um bagaço duplo são dois simples.

Um bagaço simples custa 1\$00.

Logo, um bagaço duplo custa 2\$50.

Será que o silogismo está errado ou \$50 é a gorgeta para um cicereone.

* * *

Qual é o finalista que já teve várias chamadas e nunca se esticou?

* * *

Quem foi a maltchinha qui fez gozação com o brotchinho indefeso? Nos informem, tá?

ATAQUE DOS CAPACHOS

Aquela hora, Camas City dormia a cesta tranquilamente sem imaginar o que se desenrolaria dentro de instantes. O Sol abrasador do Texas incidie os seus raios perpendicularmente, enquanto olhos ansiosos prescrutavam a pequena cidade. Um bando de peles vermelhas prepara-se para um golpe económico.

Enquanto esperam o mo-

mento de agir comentam entre si:

— Nós ter que ir silencioso buscar dinheiro.

Resolveram então, após 2.º escrutinio e por maioria absoluta de votos, que seriam cortados pelo sabugo as unhas dos pés a todos os «Capachos», a fim de evitar o menor ruído para não acordar os empregados do Banco.

Entretanto, outro «Capacho» veio anunciar que a cidade ressonava e era chegado o momento de agir. Então, em fila indiana (tá claro, os «Capachos» eram Índios), dirigiram-se para as portas de Camas City.

Antes de descrevermos a cena do arrombamento vamos explicar aos nossos leitores qual a razão porque os indios tinham resolvido atacar.

Andavam todos de mau humor porque o feiticeiro (homem das anedotas) tinha morrido e ainda por cima os bichontes não se deixavam morrer com tiros de seta desde que tinham sabido duma nova invenção dos caras pálidas: os paus de fogo. Ora, «tá-se mème» a ver que os «Capachos» andavam com a barriga a dar horas e por isso resolve-

(Conclui na 4.^a página)

Por acaso sabiam...

...que um bicho raro assistindo a uma aula no 7.º ano de Letras ao ouvir perguntar qual fora a maior conquista de Marco António falou perante a admiração geral, sim falou, deixando perceber esta resposta genial:

(Conclui na 3.^a página)

Leia no próximo número

- 1— Teatro - entrevista
- 2— O Sub-Comissário da M. P. falou com o 7.º ano
- 3— II Episódio do romance «O ataque dos Capachos»